

Um muro ameaça cair

L. G. NASCIMENTO SILVA

Por 28 anos um muro se constituiu no símbolo mais evidente da guerra fria e da confrontação entre Leste e Oeste no cenário europeu.

Agora que Moscou vai cedendo sua posição de centro do Mundo para as democracias populares, o muro de Berlim, levantado às carreiras para barrar a ação dos países ocidentais liderados pelos Estados Unidos que buscavam a unidade européia, o muro perde sua importância política.

É que a União Soviética deixou também de ser o centro do Mundo para as democracias populares. Estas não se acham mais jungidas ao poderio soviético, e cada uma delas está procurando seus próprios caminhos para equilibrar suas possibilidades de afirmações próprias. A Polônia e a Hungria já buscaram o apoio do mundo ocidental, e o estão recebendo. A Tchecoslováquia e a Alemanha Oriental, estas, se voltam para sua próspera e pujante vizinha: a República Federal Alemã.

Será que estaremos nos aproximando do fim do império soviético? A verdade é que este teve agora de fazer uma nítida escolha entre atender às exigências militares ou aceitar os apelos de sua população para aumentar as exigências de um maior consumo e de melhores condições de vida e trabalho, bem como de serviços sociais mais eficazes para conter a mortalidade e a doença. E sua opção tem sido a de dar prioridade às exigências de seu povo.

Poderá a Alemanha Ocidental, com sua crescente prosperidade, assumir a postura de um país que concorrerá para elevar os padrões de produtividade e conforto dos da Europa Central? É o que estamos agora assistindo: é ela, Alemanha Ocidental, quem irriga os países do Leste Europeu e apóia sua crescente prosperidade.

Por isso mesmo, a realidade atual é que o muro de Berlim ainda está de pé, mas sua importância simbólica está desmoronando. Já começa, pois, a ser demolido esse muro, e a verdade é que as razões que levaram asua criação estão hoje decididamente superadas. Por isso mesmo, o chanceler da Alemanha Ocidental julga que a situação criada pelo muro "é dramática", e que é necessário caminhar-se para encontrar uma solução para ela. "Devemos esperar e ver o que está ocorrendo na atualidade", diz Köhl.

Os Estados Unidos acompanham a evolução dos fatos com grande acuidade. O Presidente George Bush, em pronunciamento feito no dia 9 deste mês, saúda a atitude da Alemanha Oriental de abrir suas fronteiras como significando um "bom desenvolvimento". E, acentua mais, que, "se esta atitude for implementada em todos os seus termos, ela estará em consonância com os acordos de Helsínque, que a República Democrática Alemã assinou. E isso é um bom desenvolvimento em termos de direitos humanos".

A queda do muro de Berlim não é, assim, um fato que irá perturbar o equilíbrio europeu. Longe disso. Ela significará a reunificação européia e acena para um cenário otimista a partir de 1992. A França e a Grã-Bretanha, essas temem esse quadro de uma Europa sob uma hegemonia alemã, que pode apontar para um ressurgimento do poderio que a ascensão de Hitler, afinal, representou. Agora, porém, essa supremacia não deverá mais se verificar. A Europa unificada saberá manejar bem o seu poder.

Eis por que a queda do muro de Berlim não apresenta mais um perigo de desestabilização.

O futuro está indicando que viveremos em um Mundo melhor, mais harmônico, e isso é o que convém a todos.